

Literatura e jornalismo literário num mundo em fragmentos

José Castello – O Estado de São Paulo

RESUMO

Incertezas, dispersão, obscuridade, fragmentação, entre outros, são atributos marcantes da crise de identidade que perpassou a sociedade e o mundo da cultura durante o século vinte e transportou-se como herança ao novo milênio. Diante desse preocupante cenário, a arte, de modo especial à literatura, apresenta-se por meio dos seus criadores mais representativos como foco de resistência. Ao jornalismo cultural, por sua vez, cabe representar, de modo crítico, o seu papel, deixando de lado a condição passiva de mero reproduzidor dos ditames, em geral, interpretantes da mídia impressa, voltando a se constituir em espaço veiculador da informação em profundidade: artigos de fundo, ensaios breves, entrevistas longas etc., com textos menos vorazes, mais analíticos e reflexivos.

Palavras-chave: Literatura. Jornalismo literário. Mídia.

ABSTRACT

Incertitude, dispersion, obscurity and fragmentation are some of the most remarkable features of the identification crises that attained human societies, all over the world, in the last century. It has been inherited by our time, in this third millennium, in face of the restless scenery that art, and specially literature, presents today everywhere, through its most well-known creators, as a resistance trait. Cultural journalism, on the other hand, is expected to star, critically discussing its own

role, leaving back its passive behavior as a media that merely reproduces official opinions and interests, as often occurs in the press. With this, it can resume its genuine role as a vehicle that collects relevant information in its headlines, front-page news, reports, interviews and essays, discussing their various sources, and directing them to give the reader the most ample score of relevant information about all the facts.

Keywords: Literature. Cultural journalism. Media.

INTRODUÇÃO

Na entrada do século 21, habitamos um mundo cujos atributos fundamentais parecem ser a obscuridade, a dispersão e a fragmentação. De um lado, tão difusa é a paisagem que quase nada podemos ver; de outro, numa agitação que beira o pornográfico, vemos quase sempre em excesso – o que é o mesmo que não ver. O mundo atual está definido por essa ambigüidade vazio/excesso. É um universo em pedaços, saturado de notícias, de conflitos e de enigmas, no qual as distâncias se estreitam e, apesar disso, ou em consequência, as diferenças se tornam mais e mais gritantes quando não inconciliáveis e mesmo explosivas. Ainda assim, apesar de ser um mundo compacto e atravancado, nele tateamos como se caminhássemos em pleno escuro, numa via da qual o sentido parece estar alijado e quase toda a chance de nitidez, perdida. Uma atmosfera em superexposição que, ao mesmo tempo em que satura, cega.

Excesso/vazio – essa antinomia ajuda a definir nossa época. A rigor, desde tempos remotos, o mun-

do humano sempre foi assim, dominado pelo acaso, pelo aleatório, sendo todo esforço de conhecimento, como disse o psicanalista britânico W. R. Bion, só um breve raio de luz em meio às trevas. Só hoje, por excesso e também por ausência, parecem falhar, mais que nunca, os suportes nos quais até aqui nos amparávamos. Com a modernidade, o mundo ficou mais acelerado e mais feroz. Nisso que chamamos, muito precariamente, de pós-modernidade, ele ficou também mais prolixo e mais atordoante. Na verdade, não se trata de negar, ou rejeitar, nem o vazio, nem a sufocação. Eles simplesmente existem, simplesmente estão aí e é a partir deles, agora expostos de modo quase obsceno, que devemos lidar.

Temos, na verdade, bem pouco a fazer. Nosso universo de escolhas, apesar das ilusões impostas pela publicidade, pelo marketing e pela mídia eletrônica, é cada vez mais restrito, já que vivemos numa atmosfera uniformizada, submetidos a leis nas quais só resvalamos, sem realmente tocar. Em meio a isso tudo, se há um instrumento cujo poder de corte ainda resiste, um objeto de combate com o qual ainda podemos contar é a arte – e, nela, em posição destacada, a literatura.

No campo da arte e da literatura, o século anterior se encarregou de explodir gêneros e escolas, de arrebentar com normas, cânones e certezas, de colocar abaixo os últimos preceitos que delineavam uma tradição. O século 20, como que antecipando o que vinha pela frente, foi o tempo das vanguardas, das gerações de experimentadores, e, também, como disse a escritora francesa Nathalie Sarraute, o século da suspeita, no qual todas as verdades foram colocadas em questão, sentimento de desconfiança extrema que virou a arte e a literatura de pernas para o ar. Na literatura, essa reviravolta começou com os grandes modernistas, bastando pensar em nomes como Kafka, Joyce, Virgínia Woolf, Proust e Pessoa; ou entre nós, em Mário e Oswald e, depois, em Guimarães Rosa e Clarisse Lispector.

É sempre útil partir de Clarice, já que ela, mais que qualquer outro entre nós, ultrapassou as fronteiras do modernismo, aproximando-se, a custo de muito sofrimento pessoal, das raízes profundas da

criação – daquilo que ela mesma chamava de “it”, ou “isso”. Sintomaticamente, o último romance de Clarice, “A Hora da Estrela”, em contraste com narrativas em que ela se avizinhou do abstrato como “Água viva”, aponta para um reencontro com o realismo e a figuração. Guarda-se, nesse romance, é provável, uma senha dos desafios que seriam apresentados à literatura do século seguinte, o século novo, que agora nos cabe viver. Por isso nunca é demais relê-lo.

Mas já não se trata de escolher entre o abstrato e o real; ambas as opções são incompletas, além de muito precárias, porque deixam de lado o seu avesso. A pergunta lançada por Clarice em “A Hora da Estrela” é: como perseguir o pessoal, o íntimo (“eu não escrevo para fora, eu escrevo para dentro”, ela dizia), sem perder, mas, ao contrário, estreitando o compasso com o mundo? Ou colocada de outra forma: como, em vez de excluir um lado em detrimento do outro, empenhar-se em reencontrar correntes, ainda que, frágeis e duvidosas, que possam a vir ligá-los? O romance de Clarice Lispector já traz no título esse conflito: a hora é precisa, é puro número, é abstração; mas a estrela, é inatingível, é pulsante, não pode ser fixada, é só explosão. Nós a observamos e o que vemos já não é ela, mas seu rastro. No entanto, quando erguemos o olhar para o céu, algo – que tomamos por ela mesma – está ali, no firmamento, a representá-la. Sabemos que aquilo não “é” uma estrela, mas apenas o que nos resta de uma – e, contudo, olhamos para o céu, apontando e dizemos “estrela”. O que, de certa forma, ilustra também a fragilidade das palavras.

Clarice recolocou em cena a questão da representação, que o modernismo ajudou a banir e encheu de descrédito. Não a arte de compor sentidos cifrados, do “isso e aquilo”, da tabulação e do mecânico; mas a representação complexa, em que uma coisa é também outra, e os contrários, em vez de se excluïrem, se contêm. Macabea, a protagonista de “A Hora da Estrela”, é assim: tola e sábia, ingênua e irônica, primitiva e cheia de saber. Abriga em si os dois opostos, paradoxo que, no entanto, não a torna superpoderosa, e sim ainda mais débil; até porque

ela não os “possui”, apenas os toca. Com “A Hora da Estrela”, Clarice revirou uma página amassada de nossa literatura e de sua própria literatura depois de chegar à fragmentação extrema com “Água viva”, depois de provar a própria borra do mundo, seu lixo e sua sobra, em “G.H.” (livro em que a narradora resolve provar uma barata viva). Nele, ela faz esse aparente caminho de volta que, na verdade, é um grande repuxo rumo à frente. Arranco que, agora, podemos seguir.

Hoje, com o mundo, e não só mais a arte, em estado fragmentário e pulverizado (no tempo da Guerra Fria, ainda podíamos pensar em Bem e Mal – noções agora manuseadas, de forma muito perigosa e provavelmente ineficaz), com o mundo caótico e aleatório em que estamos metidos, à arte, e à literatura, penso, cabe a função de elo, de elemento de ligação mas também de contaminação. Cabe-lhe dar as pistas para uma guinada que venha romper o impasse em que todos nós estamos metidos, movimento que, assim, possa ajudar o homem a continuar a existir. Cabe-lhe atuar entre os extremos, não para apaziguá-los com fantasias ou mentiras, nem para atenuar sua força; mas, ao contrário, para retirar a energia que se produz com sua conexão.

Daí a retomada das experiências realistas (não do velho realismo, cheio de ingenuidade e de fé; mas de uma pergunta enfática, e até desesperada, a respeito do que vem a ser o real). Daí também um reencontro com a representação e a figuração, preceitos da narrativa clássica que, ao longo do século 20, pereceram inutilizados. Grandes escritores, entre os melhores que o ocidente já produziu (Beckett, os praticantes do Novo Romance como Sarraute e Robbe-Grillet, Joyce, Borges), julgaram ter ajudado essa velha narrativa a morrer; mas agora, num momento de vozes indistintas, de zoeira, de pulverização, a arte de narrar ressurge como uma possibilidade, ainda que vacilante, de luz e coesão. Na zoeira do século 21, estamos ávidos, outra vez, por ouvir uma história. Só que as histórias já não podem ser contadas da mesma maneira que se relatavam no passado; num tempo de enredos pulverizados, há que construir novos instrumentos narrativos e novas perspectivas para a ficção.

Não se trata mais de narrar ingenuamente, de aspirar às imagens reconfortantes da fotografia ou, até, como se dá no jornalismo escrito, de aspirar igualar-se à simultaneidade imposta pela TV, o universo do “aqui e agora”, aqui, agora e nada mais. Isso já não funciona, ao contrário, está esgotado; daí a sensação legítima de que vivemos numa era de objetos perdidos, sem conexão entre si, dispersos, e até enlouquecidos, objetos duplicados em séries intermináveis, mas, apesar disso, vazios por dentro. Artefatos mais que objetos, só embalagens talvez, que a realidade, muito mais cruel hoje que antes, trata de destroçar e de engolir, regurgitando-os em vez de se alimentar deles. Nem é o caso de pretender ainda (mas quando isso foi possível?) dominar o real. Tampouco devemos descartá-lo como algo distante e inacessível, como faz hoje a literatura neoparnasiana, de origem universitária, para quem – numa surdez que se disfarça de lucidez – as palavras só podem se referir a outras palavras, e essas a outras palavras e outras mais, num abismo em garganta que a tudo engole sem nada digerir. O espaço que resta ao homem, sua pequena seara de liberdade, é de fato muito estreito; é só uma rachadura, muito delgada e miserável; mas é nessa fenda que a literatura precisa penetrar, como um sutil bisturi, a lançar finas conexões e descortinar perspectivas, ainda que invisíveis, ali onde só podemos ver superfícies, o que significa dizer monotonia e repetição. Na agilidade da TV, no vozerio da internet, todas as imagens, todas as vozes, liquefeitas e sem limites, acabam por se igualar. Seria ridículo manter um preconceito contra elas – do mesmo modo foi risível, no passado, colocar-se “contra” o cinema falado, o telefone ou o avião. Ridículo e inútil. Nosso problema, hoje, não é julgar este novo mundo moralmente, mas sim encontrar maneiras de com ele conviver e de lidar com sua fluidez extrema, para que ela não nos arraste e dissolva. À arte cabe, assim, um papel de fixação.

Na arte, creio, reside, agora, e mais uma vez, uma chance não só de sobrevivência mas, também de expansão para o homem. Basta tomar por contraponto um período como o Renascimento:

submetidos aos cânones férreos da Igreja, presos a rigores estéticos e impulsionados a imitar a natureza, quando não a reproduzir a realidade tal qual se imaginava (ou legislava) que ela fosse, ou devia ser, artistas como Tiziano e Caravaggio, ainda assim, encontraram brechas para, com seus anjos, madonas, duques e princesas, expor, à meia luz, com a sutileza de seus traços, as tensões escondidas no homem renascentista. Simulando a submissão, eles conseguiram, ainda assim, tocar nas feridas de um tempo – e foi por isso, e não porque tenham sido aprovados por papas, militares e nobres, que se tornaram grandes artistas. Seria um engano, porém, julgar que a opção estaria numa volta atrás ao naturalismo, ao objetivismo, aos preceitos do classicismo. Muitos artistas, e entre eles muitos escritores, vêm cedendo a esse engano. Aqui cabe lembrar, em oposição a Francis Bacon, o pintor irlandês, que, insatisfeito com o abstracionismo e com as vanguardas, num mundo dominado pelo abstrato e pelo geométrico, expôs sempre com ênfase seu desejo (quase herético) de um retorno à figuração. Com esse desejo, porém, ele não retornou ao passado, mas criou caminho para o futuro da pintura – por isso foi um dos maiores pintores do século que terminou. Agora, no século 21, temos a face afundada no futuro. Um pouco cegos, e perdidos em meio a fragmentos e murmúrios, talvez seja o momento em que a literatura possa se oferecer, mais uma vez, como um instrumento de superação, com o qual se possa traçar o esboço para uma saída. Não a saída definitiva para a grande claridade, que não existe; nem a saída monolítica, que aponta uma única porta, que não chega a merecer esse nome. Abrir pequenas brechas, multifacetadas; oferecer soluções incompletas, que se contradigam e até se excluam; suportar e viver no passado, em vez de desejar extirpá-lo; mas, ainda assim, rasgando aqui e ali, criar fendas e passagens, mesmo que muito estreitas e asfíxiantes, através das quais possamos tentar respirar. Talvez nem mesmo se possa falar em solução, mas só em incitamento. A arte não é remédio, nem traz bula indicando seu “modo de usar”. Na literatura, voltando a Clarice, a palavra é uma língua de fogo.

*

Também o jornalismo literário merece ser, nesse quadro, repensado. A era do “book review”, no modelo norte-americano, correspondeu a uma do mercado editorial brasileiro a partir da segunda metade dos anos 80. É um modelo, porém, que se desgastou, por ser fixo demais, sem deixar espaço para a criatividade e a ousadia; e por ter-se tornado cada vez mais rápido e sintético, pouco afeito ao exercício do pensamento. O “suplemento literário”, hoje, deve ser visto no quadro geral da imprensa não só nacional, mas internacional que, afora exceções honrosas, tende à síntese, à rapidez, à superficialidade e à repetição. O resultado é um universo saturado de notícias, mas desprovido de sentido; um mundo em frangalhos, hiperinformado, quase como que numa embriaguez; e, por contraste, o excesso de informação corresponde a uma carência cada vez maior de conteúdos e, por que não dizer, a uma grande melancolia. Não é à toa que vivemos no mundo da felicidade química e dos antidepressivos.

Nesse cenário, o jornalismo literário se oferece não apenas como um espaço para a divulgação dos livros recém-lançados, embora ele deva ser também isso, mas como um respiradouro, por meio do qual o leitor possa encontrar um ritmo oposto ao andar celerado e ofegante que vigora, em geral, na mídia. Em vez de pressa, reflexão; no lugar da saturação das notícias prontas, a seleção de informações, sua análise e depuração. Um espaço para parar, e não para correr. Daí o papel que o jornalismo literário pode voltar a desempenhar com seus artigos de fundo, ensaios breves, entrevistas longas, enfim, o texto menos voraz e mais reflexivo, um contraponto a tudo que o circunda. Numa mídia que corre o jornalismo literário pode se converter num lugar propenso à meditação e à espera; numa imprensa que compete com a TV e a internet e responde aos fatos por reflexo; num mundo disperso e volátil, ele pode vir a ser um lugar para a independência de pensamento, para a busca de sentido e para alguma placidez. É o espaço que, hoje, mais que nunca, se oferece ao jornalismo literário – “literário” não porque seja um reduto

das letras e do “bem escrito”, mas sim porque pode vir a representar – como a literatura num sentido mais vasto – o conjunto de conhecimentos humanos, um lugar do saber. Pode, também, dentro da hiperobjetividade proposta pela mídia – em particular, num mundo que só parece acreditar e valorizar as imagens e que descrê cada vez mais nas palavras – quem sabe, significar uma guinada para o subjetivo, para o pessoal, e até para o íntimo. Num mundo intoxicado de verdades, ele viria a ser o lugar da inverdade – não no sentido da falsificação ou da mentira, mas sim do imaginário e da ficção, quando tudo aponta para o substantivo, para o número, para o gráfico, para o sintético, ele vem se oferecer, quem sabe, como um antídoto.

Não um lugar para a ficção pura, arbitrária, que essa também já não se sustenta – nem mesmo no mundo da literatura. Mas de uma ficção de fronteira, que roça o real e o desafia, que o toca e dele se esquiva; um espaço intermediário, entre o ideal e o real. É aí, nesse vão, que a literatura surge como uma possibilidade especial de saber. Ali, onde a ciência viria apenas registrar, computar, fotografar ou massacrar, ali ela pode entrar para evocar, para metaforizar, para acolher sentidos. Então, o escritor não será mais aquele sonhador montado em sua torre de marfim, ou aquele artesão de vanguarda, parnasiano da nova era empenhado só em manipular suas formas. Será, ao contrário, alguém que se coloca sobre um abismo, um pé em cada margem, ali, elevado sobre o perigo para tocar no que interessa e fazer uma ponte entre os que se excluem. É nesse “entre” que a literatura pode recobrar seu vigor; e é nesse espaço intermediário também que o jornalismo “literário” pode prestar, ainda, algum serviço, nem que seja o de dar abrigo àqueles a quem a imprensa veloz e fragmentada do século 21 parece decidida a excluir, ou, ao menos, a marginalizar.

Exercidos nessa perspectiva, não só a literatura pode se tornar mais rica, abrindo alternativas contra a standartização que a caracteriza na época dos best sellers, dos livros de auto-ajuda e de encomenda mas também o jornalismo terá a chance de, revirando o sentido das coisas, apontar para estranhezas e apos-

tar na força do que é inútil. A arte, enfim, é inutilidade pura, caminho que não leva a lugar algum, que se perde e cuja identidade está nesse perder-se. Cada escritor escreve para achar, escreve para responder a pergunta “por que você escreve”; a resposta não está no início, tampouco no fim; ela se acha no meio, e serve para conduzir em vez de resolver; para dinamizar, em vez de resolver e matar. Talvez, assim, a literatura possa se revivificar, possa voltar a merecer o espaço que, de fato, lhe corresponde; e o jornalismo literário também possa, num mundo aleatório e disperso vir a ter ainda alguma função mais fértil além daquela, burocrática e servil, que lhe atribuem os divulgadores e os negociadores.

Nada disso fará do mundo menos fragmentário, nem resolver esse ou aquele impasse que nos atormenta. A literatura não tem chaves (se oferece chaves, não é literatura), nem traz soluções – traz apenas hipóteses provisórias, fantasias com as quais experimentamos o mundo, com as quais o vivemos, o suportamos, e dele tiramos algum sentido e prazer. Retomando, com isso, aos primórdios da filosofia, que estava ligada a uma “maneira de viver”, a um estilo, também assim a literatura pode, agora, deixando em segundo plano o papel de mero produto num mercado de bens culturais, de feiras e de “mais vendidos”, voltar a agir em camadas mais profundas, injetando sentido ali onde, no mundo de fragmentos e excessos que nos coube viver, domina o ruído estéril e a dispersão. Um mundo em pedaços onde, quem sabe, a literatura possa servir, agora, como um ímã, a atrair sentidos dispersos e idéias em fragmentos; enfim, a rascunhar, mesmo que precariamente, e sem aspirar ao definitivo, breves esboços de forma e de direção.